

35 anos de cabeça aberta



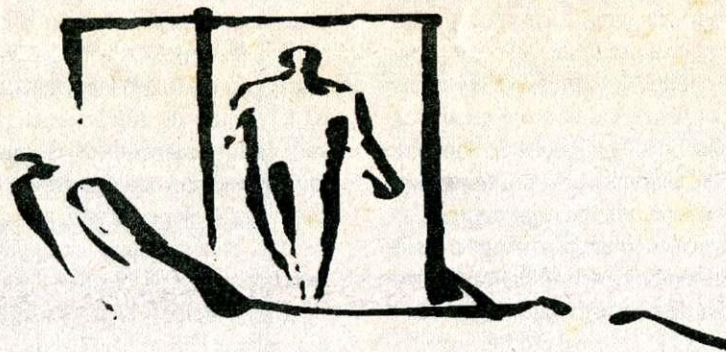
Em comemoração ao Dia dos Psicólogos, Conselho inaugura sua nova sede com coquetel no dia 29 de agosto. Também haverá eventos comemorativos em todas as Subsedes. Veja programação com datas e horários e leia também matéria sobre a trajetória da psicologia nessas três décadas às páginas 8 e 9.

COMPORTAMENTO

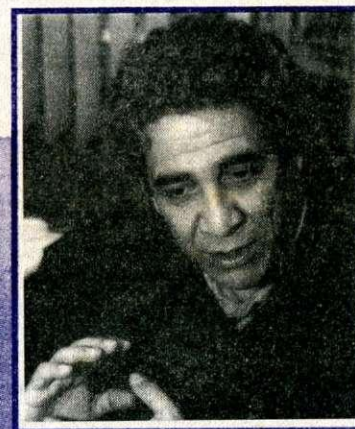


A polêmica sobre as facilidades e os perigos do mundo interativo via internet já se instaurou entre os especialistas do comportamento humano.
Páginas 6 e 7

PESQUISA



Criação de Comitês de Ética traz avanço para pesquisas que envolvem sujeitos humanos. CRP recomenda que profissionais de psicologia sigam orientações de resolução do Conselho Nacional de Saúde que regulamenta a matéria. Página 12



ENTREVISTA

Moisés Aguiar

O psicodramatista fala sobre teatro espontâneo e explica por que acredita que o modelo clínico está superado.

Páginas 3 a 5

EDITORIAL

Por que 35 ANOS DE CABEÇA ABERTA

Em 27 DE AGOSTO DE 1962 foi sancionada a lei de nº 4.119, que regulamenta a profissão de Psicólogo.

35 ANOS DE CABEÇA ABERTA! Este é o tema escolhido para este aniversário da regulamentação de nossa profissão.

Escolhemos, neste ano, um símbolo e uma frase que não fazem apologias consumistas de nosso trabalho. Tarefa nem sempre muito fácil, já que há uma tentação constante em nossa época que prega o imediatismo, e o que podemos chamar metaforicamente de "inovismo", demandando que criemos modismos que se encaixem no tão badalado "mercado de consumo" - em todos os trabalhos.

Foram muitos anos de luta para que a Psicologia se firmasse como um ofício que possui sua função social reconhecida pelos diversos segmentos da população. Seja na saúde pública, no trânsito, nas escolas, nas organizações, no esporte... enfim, em vários lugares, duramente conquistados por profissionais muitas vezes esquecidos, quando não desaparecidos.

Afinal, não podemos nos esquecer de que na maior parte desses anos vivemos sob um manto ditatorial militar e várias foram as manobras na tentativa de tornar o Psicólogo um "ajustador" de comportamentos desviantes (que neste período significava subversão). Lutou pela democratização do país,

hoje luta contra a intolerância e o preconceito que encarceram os excluídos do discurso dominante em Manicômios, Prisões, Reformatórios, Salas Especiais e outros aparatos criados em nome de "cuidar de um bem-estar social".

CABEÇA ABERTA, pois justamente o Psicólogo deve abrir os olhos, as mentes e os corações das pessoas, desvanecendo o véu de ignorância doura que muito tem interessado aos governantes.

A Psicologia não nasceu para ser simplesmente um projeto terapêutico a fim de minimizar o sofrimento humano de suas angústias existenciais - diga-se, não são poucas as questões do *SER* - por isso social dessa dor. existiram sim

Mesmo aquele que trabalha em sua clínica deve saber que, com sua prática, opera mudanças no indivíduo, assim como este pode operar mudanças no social.

E, neste momento em que se preconiza o fim da história e das utopias (ou seria melhor dizer a ilusão do fim, como bem coloca Jean Baudrillard), resgatamos um pouco da história.

Queremos, neste aniversário, homenagear a Madre Cristina Sodré Dória em nome de todos os Psicólogos e outros profissionais que com sua coragem e ousadia enfrentaram e têm enfrentado o discurso oficial, lutando pela dignidade dos exilados de uma política social. E homenagear você psicólogo, que conosco tem lutado para que nossa profissão traga reflexões sobre o que ain-

CARTAS

Recursos Humanos

Formado em psicologia pela Universidade de Mogi das Cruzes desde 1980, registrei-me no CRP, obtendo o prontuário número 15.156. Desde então, venho recebendo regularmente as publicações desse Conselho e do Conselho Federal de Psicologia, onde estão contemplados artigos que contribuem para a reflexão, orientação e o desenvolvimento do psicólogo dentro de sua atuação profissional.

No entanto, raríssimas vezes os organizadores dessas publicações lembram-se de que uma grande parcela dos psicólogos desenvolvem sua atuação profissional na área de recursos humanos, seja no segmento seleção/recrutamento, treinamento/desenvolvimento ou mesmo acompanhamento de pessoal.

(...) Se esse órgão, como divulga, tem a missão de orientar, assessorar, regulamentar e fiscalizar a atuação do profissional de psicologia, a sua efetiva partici-

pação em minha carreira profissional somente é sentida por mim como um órgão regulamentador e fiscalizador de minha contribuição anual.

(...) Solicito que esse Conselho busque uma atitude parcimoniosa no trato com todos os profissionais, diminuindo a imagem que transmite de fortalecimento de determinados segmentos, como se os profissionais que atuam em recursos humanos não existissem ou não representassem um número expressivo de profissionais, conforme indicado no quadro estatístico publicado na edição do Jornal do CRP nº 104, página 14. Aprendi que contra dados e fatos não há argumento.

(...) Aproveito para pontuar que vários artigos publicados mensalmente, por possuírem caráter de abrangência político-social amplo, são e serão muito bem acolhidos, pois possuem importância não só para o profissional de psicologia como também contribuem, fundamentalmente,

para a sedimentação do papel de cidadão que cada um exerce no seu dia-a-dia.

Antonio Jorge Barbosa Reis
CRP 06/15.156

Direitos da criança e do adolescente

Atenção psicólogos!!

É preciso que estejam informados a respeito das conferências sobre os direitos da criança e do adolescente, que estão ocorrendo em todo o Brasil. O governo federal, através do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda), solicita levantamento de diagnósticos regionais e eleição de delegados, a partir da participação do poder público e da sociedade civil, para subsidiar uma política de enfrentamento dos problemas atuais nesta área.

Eu participei da II Conferência Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, ocorrida nos dias 23 e 24 de maio de 1997 no plenário da Câmara Municipal de Santo André. Os temas discutidos,

sugeridos pelo Conanda, foram muito bem apresentados pelos palestrantes, que trouxeram dados da realidade do município, a saber: trabalho infantil, violência e abuso sexual, adolescente em ato infracional, Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente e dotação orçamentária, Conselho Tutelar, definição de delegados para encontro regional e conferência estadual.

Houve presença de políticos, dirigentes de entidades não governamentais e de associações das mesmas, dirigentes de instituições públicas, sindicalistas, representantes de institutos de pesquisa e do sistema judiciário. Onde estão os representantes de ensino do terceiro grau, das universidades responsáveis pela formação de profissionais, que, independentemente da área de atuação, entrarão em contato com questões dos direitos da criança e do adolescente?

Adriana Nöthlich de Andrade
CRP 06/50.333-0

Conselho Regional de Psicologia

Conselheiros:

EFETIVOS: Augusto Sérgio Callile, Cláudia M. Sodré Vieira, Cláudia Medeiros de Castro, Cristina Amélia Luzio, Erane Paladino, Floriano Nuno de Barros Pereira Filho, Helena M. C. de Moura Hirye, Marcos Colen, Maria Costantini, Maria Cristina Pellini, Nelson D'Angelo Ribeiro, Othon Vieira Neto, Rosalice Lopes, Sérgio Luiz Braghini e Sidnei Celso Corocine.

SUPLENTEs: Ana Maria R. de Carvalho, Anita Cecília Lofrano, Cassia Regina Rodrigues, Cassio Rogério D. Lemmos Figueiredo, Dayse Cesar Franco Bernardi, Glória E. B. Pires von Buettner, José Roberto Tozoni Reis, Luiz Humberto Sivieri, Nilma Renides da Silva, Roberto Moraes Salazar e Sonia M. Carrijo D'Angelo Ribeiro.

O Jornal do CRP é uma publicação oficial do Conselho Regional de Psicologia - 6ª Região

Equipe Editorial: Marcos Colen, Sérgio Braghini e José Roberto Tozoni Reis
Jornalista Responsável: Juliana Motta
Redação: Juliana Motta/Renata Paiva
Revisão: Dinorah Ereno

Diagramação e Editoração Eletrônica: Digital Artes Com. e Edit. (011) 605-6098
Impressão: Bangraf
Tiragem: 38.000 exemplares
Periodicidade: Bimestral

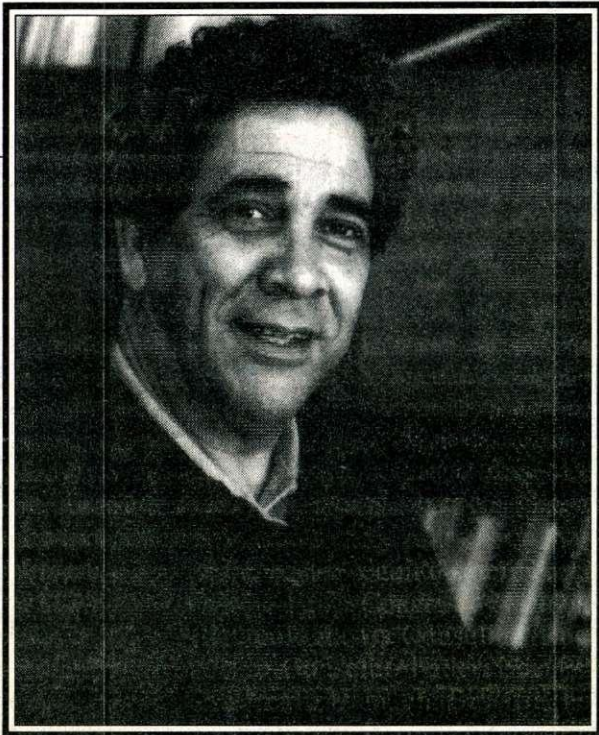
Sede: Rua Borges Lagoa, 74 - São Paulo - SP - CEP: 04038-004
Fone: (011) 574-7133 - Fax: (011) 575-0857 - E-mail: crpsp@psicnet.com.br

ENTREVISTA

Moysés Aguiar

“O modelo clínico está saturado”

Foto: Márcia Zoef



Moysés Aguiar formou-se pela USP em 1965. Desde então, trabalhou em várias áreas da psicologia, passando pela própria universidade e por uma experiência em empresa, tendo trabalhado também em presídios. Até que ingressou no curso de pós-graduação em administração de empresas e descobriu que não queria ser psicólogo empresarial. Foi nessa época que partiu para a clínica, tendo iniciado sua formação em psicodrama. Passou por um período de dúvida em relação ao psicodrama e à psicanálise, mas concluiu que o primeiro correspondia mais às suas expectativas de trabalho e ao seu perfil profissional. Desde então, vem produzindo trabalhos práticos e teóricos, tendo se tornado um dos mais conhecidos nomes do teatro espontâneo no Brasil. Já foi também militante sindical e dos Conselhos Regional da Sexta Região e Federal de Psicologia. Nesta entrevista ao *Jornal do CRP* ele conta de sua experiência profissional, fala de psicodrama e teatro espontâneo e da trajetória da psicologia ao longo do tempo, já que se formou no momento em que a profissão acabava de ser regulamentada.

CRP - O senhor poderia falar um pouco da trajetória da profissão ao longo do tempo, fazendo uma comparação entre a situação que os profissionais enfrentavam e os dias de hoje?

Moysés - Particpei do processo de formulação da lei que regulamenta a profissão, a 4.119/62. Eu era estudante e, como vários outros alunos, me envolvi nas lutas pela regulamentação da profissão e a delimitação de um espaço de trabalho. Era um momento de muita efervescência e o projeto de lei proposto era mais restritivo do que o que nós queríamos.

O líder do governo na Câmara dos

Deputados na época era um psicólogo, o Clóvis Stendel. Mas ele não estava muito sintonizado com nossas reivindicações e tentamos negociar para que, como líder, ele encaminhasse uma votação favorável às nossas aspirações. Queríamos fazer psicoterapia, mas havia uma parte da classe médica que queria garantir esse espaço somente para eles.

Em 1978, o deputado Salvador Julianeli apresentou um projeto de lei para a Câmara dos Deputados garantindo aos profissionais da medicina a condição de comando em relação aos demais profissionais da área de saúde. Mas a pressão foi tanta que o próprio Julianeli acabou retirando o projeto de lei.

Acredito que a principal alteração que ocorreu de lá para cá foi que a criação de cursos de psicologia em profusão fez aumentar demais a categoria.

Mas o mercado de trabalho não cresceu na mesma proporção. Isso é muito sério e trouxe muitos prejuízos, como o aviltamento da remuneração e a diminuição da qualidade de trabalho em muitos setores. Os cursos não dão a formação adequada, especialmente para as áreas novas. Para fazer a complementação é preciso ter dinheiro para investir em cursos de aperfeiçoamento. Mas, como a remuneração é baixa, o profissional não tem como investir em seu aperfeiçoamento. Essa é uma das coisas que considero mais graves.

CRP - Hoje a formação em psicodrama tornou-se quase uma extensão do curso de psicologia. Como o senhor, que trabalha com essa especialização, considera que os profissionais saem da graduação?

Moysés - Trabalhamos com uma faixa privilegiada de estudantes. Os que

procuram a formação em psicodrama, principalmente no curso da Escola de Teatro Espontâneo, já se diferenciam da grande massa dos estudantes e dos profissionais recém-formados. Por isso não tenho notado grandes problemas. Existem deficiências, mas elas não impedem o nosso trabalho.

CRP - A que diferença o senhor se refere entre o aluno que procura a sua escola e os outros?

Moysés - Falo de um aluno mais consciente e menos passivo. Como tem uma postura pró-ativa em relação à sua própria formação, é um aluno que aproveita melhor o que lhe é oferecido. Acredito que, mesmo que não lhe seja oferecido um grande banquete, ele se alimenta bem com o que tem.

CRP - Nesse caso o senhor está dizendo que a sua experiência como docente não oferece parâmetros para avaliar a formação profissional como um todo.

Moysés - Como um todo não, porque a minha amostra não representa a população total. Agora, eu tenho outras experiências onde a deficiência de formação aparece. Por exemplo, a escola tem uma publicação chamada Leituras. Selecionamos um texto sobre psicodrama, o reproduzimos e publicamos. Nossa tiragem é de 1.400 exemplares. E temos uma correspondência com esses colegas. Aí vemos algumas coisas que são bem denunciadoras da

“Quem procura a formação em psicodrama se diferencia da massa dos estudantes e dos profissionais recém-formados.”

ENTREVISTA

"O psicodrama nada mais é do que a aplicação do teatro espontâneo, que o originou, à psicoterapia"

precariedade em termos de cultura geral. Não vemos a deficiência específica na psicologia. Outro dia, por exemplo, recebemos um requerimento solicitando uma mudança de endereço, uma coisa bem estranha em termos de comunicação. Na verdade eu diria que as deficiências na formação específica que observamos refletem uma deficiência na formação do cidadão, na formação global.

CRP - Conforme o senhor disse, na época em que se formou a opção do profissional praticamente se restringia à clínica. E a novidade que correu do tempo descobriu-se que esse psicodrama terapêutico pode ser utilizado também em outras atividades, como a educação, o trabalho com grupos em geral. Mas só que essa passagem do teatro espontâneo para o psicodrama psicoterápico era difícil de ser feita porque as atividades sempre traziam um ranço clínico.

Então o que aconteceu? Na minha pesquisa teórica sobre o psicodrama eu me interessei pelo que o psicodrama tem de teatro. Resolvi estudar um pouco de teatro e cheguei ao teatro espontâneo. Ou seja, praticamente peguei a coisa lá no começo de novo. Trabalhando com o teatro espontâneo, temos sua passagem direta para o trabalho com grupos sem passar pela clínica. Esse instrumento é mais "limpo".

CRP - É uma estratégia de "desclínicação" da psicologia?

Moysés - Considero essa a principal coisa que está acontecendo. Curiosamente, acho que não é só no Brasil. Nos contatos internacionais que fazemos temos visto propostas de recuperação do teatro espontâneo, inclusive diferentes das que fazemos aqui. Vejo

isso como um fenômeno mundial.

Para se ter uma idéia, vou citar um exemplo: no ano que vem, vai acontecer, em Londres, um Congresso Internacional de Psicoterapia de Grupo. O representante do Brasil propôs o nome de alguns brasileiros para fazer workshops. Então vai ter lá um espaço chamado Conexão Brasil, que vai agrupar os brasileiros todos num bloco para quem quiser conhecer o psicodrama do Brasil. Mas a proposta de fazer teatro espontâneo foi tirada deste bloco e ganhou um espaço privilegiado dentro da programação. Acredito que esse seja um indicador de que existe um interesse internacional pela retomada do teatro espontâneo.

CRP - Na sua opinião essa tendência estaria baseada em que tipo de estímulo? O esgotamento do modelo clínico de atendimento seria motivado por questões econômicas ou trata-se da saturação da proposta de intervenção, do instrumento?

Moysés - Acho que primeiro esse interesse começa a surgir a partir de uma troca espontânea.

CRP - Nos grandes centros as pessoas vivem cada dia mais isoladas. Por outro lado, o senhor aponta uma perda de terreno do modelo clínico. Esse seria um dos paradoxos que o mundo moderno deve enfrentar?

Moysés - Ao mesmo tempo que existe um movimento no sentido do isolamento, existe uma dor por esse isolamento. Uma busca de alternativas. Existem pessoas que são mais sensíveis a essa dor, que ouvem mais essa dor e que estão buscando meios de ajuda. Mas, veja, há uma coisa curiosa.

Na psicoterapia de grupo tradicional, no psicodrama tradicional, a privacidade do indivíduo é invadida como condição para ele ser terapeuta. A proposta do teatro espontâneo é trabalhar os problemas analogicamente, a privacidade fica preservada. É possível falar de dores psicológicas sem necessariamente expor a alcova. Criando personagens, criando textos de teatro, através do simbolismo da arte, consegue-se a expressão dessa dor e a oportunidade de superá-la, preservando a intimidade das pessoas.

CRP - Mas esse isolamento do qual estamos falando é algo muito característico da classe média, que tem acesso a determinados mecanismos modernos, como a internet, por exemplo. Mas, pensando em termos da grande massa da população, o psicólogo tem alguma alternativa de trabalho, fora da atividade restrita ao consultório? O psicodrama ou o teatro espontâneo são instrumentos para isso?

Moysés - Eu acho que o teatro espontâneo ocorre em qualquer projeto de intervenção de uma classe social em outra. Não é uma limitação do instrumento teatro espontâneo, mas da própria proposta. Agora, eu diria que, por exemplo, entre o psicodrama clássico, mais clínico, e o teatro espontâneo, como instrumentos, considero o teatro espontâneo mais adequado. É mais fácil de se trabalhar. Mais fácil em termos até de objetivos, de potencial de mobilização.

CRP - E o que tem a ver isso hoje com os psicólogos? O senhor poderia fazer uma comparação entre as pos-

sibilidades do trabalho do teatro espontâneo e as práticas convencionais da psicologia?

Moysés - Eu acho que o teatro espontâneo é um instrumento para qualquer profissional que trabalhe com gente, especialmente com grupos. Tanto que lá na nossa escola oferecemos formação para qualquer profissional indistintamente.

Considero que essa questão depende especificamente do tipo de projeto que o psicólogo tem. Se o projeto é trabalhar com grupos, trabalhar com desenvolvimento de grupos, acredito que o teatro espontâneo seja um instrumento legal. Na minha opinião, cada vez mais a atenção do psicólogo precisa estar voltada para isso. São dois enfoques. Um é o desenvolvimento de grupos como tal, equipes de trabalho, desenvolvimento de integração de comunidades etc. Ou seja, uma intervenção mais grupal, social. E existe uma outra abordagem que é o desenvolvimento individual através do grupo. Eu acho que tudo tempo em que eu estava no Conselho Federal, é a seguinte: a psicologia deve desaparecer como especificidade profissional, não como área de conhecimento. É muito mais importante eu ter um educador que conheça bem psicologia e que consiga utilizar esses conhecimentos na formulação de práticas educacionais do que ter um educador que, com um verniz de psicologia, planeja atividades educacionais com algumas falhas, sendo necessário que o psicólogo escolar venha e corrija. O mesmo raciocínio se aplica à administração, à medicina, ao serviço social, enfim, a todas as áreas que trabalham com gente. Portanto, acredito que, como futuro, o caminho seria a perda da especificidade do psicólogo. Numa equipe multiprofissional o psicólogo seria um dos consultores para a formulação de projetos de ação comum.

Não sei se essa é a tendência ou se é o que eu acho que deve ser. Eu não tenho muita clareza quanto a isso. O que vemos é que quando se tem trabalhos em equipes multiprofissionais a tendência é que os outros profissionais não psicólogos acabem incorporando à sua prática os conhecimentos em psicologia.

"Através do simbolismo e da arte, é possível falar de dores psicológicas sem expor a alcova"

ENTREVISTA

CRP - Nesse caso, na sua concepção, o psicólogo torna-se dispensável enquanto profissional de uma profissão regulamentada?

Moysés - Sim. Mas acho que ele sempre vai ter uma especificidade, mas para oferecer esses conhecimentos e torná-los disponíveis a profissionais de outras áreas.

CRP - Ou seja, o senhor está dizendo que a especificidade da psicologia é teórica, de conhecimento e não de prática profissional institucionalizada.

Moysés - Sim. A não ser em casos muito específicos e estreitos.

CRP - Sim, mas à falta da psicologia, como ficam esses casos muito específicos e estreitos?

Moysés - Eu acho que são casos em que clientes específicos merecem uma atenção e um tipo de intervenção muito específica. Mesmo assim, não estou falando de clientes graves. Por exemplo, hoje há uma tendência mundial muito forte de se trabalhar com terapia de família. Nesse tipo de trabalho o conhecimento que se exige inclui o conhecimento em psicologia, mas vai além. Quase cria uma área específica que engloba um número muito grande de conhecimento. E a terapia de família está sendo cada vez mais utilizada para trabalhar com patologias graves. Antigamente pensava-se na terapia de grupo para normóticos, ou neuroses que não chegam às raias do anti-social. Enquanto o sujeito está socializado, dá para trabalhar com grupo, mas quando o indivíduo está altamente comprometido, aí tem que ter atenção individual.

CRP - Mas, contrariamente ao que o senhor diz, uma das tendências que se vem observando é o crescimento da psicologia em um número cada vez maior de áreas e como conhecimento e instrumento de intervenção.

Moysés - Acredito que esse seja um passo para se chegar aonde estou vislumbrando. Vou citar outro exemplo: o psicólogo começa a atuar na área do judiciário, e eu tive essa experiência, mas, lá pelas tantas, não adianta querer trabalhar com o presidiário diretamente. Não adianta dizer que eu, como psicólogo, vou trabalhar com o presidiário e dar instrumentos para ele reverter sua história. O psicólogo tem que trabalhar com os agentes penitenciários. A psicologia tem que ser cada vez mais apropriada pelos agentes sociais. Então os guardas de presídio precisam conhecer psicologia.

CRP - Isso, no entanto, não eliminaria o profissional da psicologia. Podemos considerar que haja uma psicologia afeita a quem exerce a função

ção de guarda, ou de diretor de presídio, por exemplo. Para isso não é necessário ter o diploma de psicólogo. Mas isso não implica que as questões específicas da psicologia vão desaparecer.

Moysés - Acredito que a função do psicólogo será a de um instrumentalizador. Isso, longe de desvalorizar o profissional da psicologia, o qualifica. Porque seu saber, quando colocado em prática, pode ter alcance muito maior. Logo, se consigo municiar um administrador de empresas para agir quando administra recursos humanos, ou produção, ou controle de qualidade, ou finanças, estou multiplicando o alcance do meu trabalho de uma maneira enorme.

Fatalmente os psicólogos vão descobrir isso, como eu descobri no presídio e como tenho descoberto enquanto trabalho com organizações: a importância de que o profissional que está lá em profissões específicas conheça psicologia.

CRP - No livro "Quem é o psicólogo brasileiro", editado pelo Conselho Federal de Psicologia, o senhor fez um trabalho sobre a produção teórica de psicólogos que estão fora da academia. Como é que eles produzem?

Moysés - Na época o que se destacou foi que a grande produção teórica estava na psicanálise e no psicodrama. No Brasil, a psicanálise respondia por 60% da produção e o psicodrama por 20%. E todas as outras áreas juntas davam o resto. Eu não me lembro muito de números, mas sei que a psicanálise, de longe, era a que tinha a maior produção. Aí eu acho que tem uma coisa que eu associo à capacidade econômica dos profissionais. Se você tem uma atividade com remuneração melhor, você tem maiores possibilidades de investir tanto na complementação cada vez maior da sua formação quanto na própria produção. E também na veiculação da produção, que é outra coisa. Se você tem entidades que têm dinheiro para publicar revistas, a produção é veiculada. Se você tem uma entidade pobre, mesmo que haja alguma produção, ela fica perdida. Isso é um fator que eu não sei como controlar para fazer essa avaliação. Eu não sei, por exemplo, avaliar a qualidade

da produção. No que eu consegui ver na época, eu identifiquei muita coisa repetitiva, sugerindo uma qualidade média. Ou pelo menos comprometida. A minha suposição, nesse caso, é de que a produção teórica deveria sempre representar algum tipo de avanço em relação ao que existe, ou em termos de crítica ou de propostas novas. E não me parecia isso. Parecia meio o samba de uma nota só.

CRP - E a produção teórica no psicodrama?

Moysés - Teve uma época em que a produção teórica no psicodrama era exatamente isso que eu descrevi. Era pura repetição. Não tinha crítica, só se discutia aplicações. Mas não saía disso. Eu acho que de uns tempos para cá tem surgido coisas novas, coisas interessantes, em termos de novas formulações teóricas, em termos de novas propostas técnicas. Mas ainda há pouca produção

CRP - Pouco em relação a quê, ao número de psicodramatistas que estão atuando?

Moysés - Sim, o Brasil tem 4 mil psicodramatistas. É um número bastante significativo. Poderia ter produção qualitativa e quantitativa melhor. Eu não sei se sou eu que sou exigente. Mas acho que é pouco. Agora, tem uma coisa interessante, na bibliografia que existe sobre psicodrama, no mundo, tem muita coisa de qualidade ruim. Ela não é numerosa e tem coisas de qualidade discutível. Mas também tem pouca coisa de muito boa qualidade. E aí dão de 10 a zero na nossa produção brasileira. Principalmente o psicodrama australiano. Eles têm lá uma usina de produção teórica em psicodrama muito interessante. Mas eu acho que nós estamos crescendo. Acho que talvez a quantidade acabe fazendo a qualidade.

CRP - O senhor já atuou como conselheiro dos conselhos de psicologia, tendo sido, inclusive, presidente do Conselho Federal em 1984. Como avalia a atuação hoje dessas entidades e seu papel junto à categoria?

Moysés - Quando eu deixei o CFP, tomei a decisão de não me envolver mais como membro das instituições. Posso co-

"Nossa produção teórica poderia ser melhor. Temos 4 mil profissionais. É um número significativo"

laborar em pontos específicos, mas não quero me envolver. Acredito que a burocracia das entidades gasta tanta energia que acontecem duas coisas: os próprios conselheiros ficam muito envolvidos nessa burocracia e o espaço para a atividade fim acaba sendo muito pequeno. Não somos profissionais da política. Temos que ganhar o pão de cada dia e além disso fazer política. E a imagem da categoria em relação às entidades também acaba sendo, até adequadamente, de entidades burocratizadas. Isso é uma coisa. Um aspecto.

Por outro lado, acredito que a política dos conselhos não alcança a massa dos profissionais. Inclusive outro dia eu estava até querendo escrever um artigo para os novos conselheiros do Federal fazendo uma apreciação do novo jornal que eles estão publicando. Suscitou-me uma questão que é assim: para o psicólogo que está lá em Samambá, por exemplo, se o jornal fala em Câmara de Ética, não diz nada. Acredito que teria que ter um mínimo de representatividade e comunicação. Comunicação de massa entendida no bom sentido. Falar uma linguagem que seja entendida e que possa ser ouvida.

CRP - Na sua opinião, as entidades usam estratégia errada ou esses fatores que o senhor aponta mostram um aspecto da realidade atual, em que está cada vez mais difícil sensibilizar os profissionais e a sociedade em geral com qualquer questão que escape de seus interesses imediatos?

Moysés - Eu não sei. Eu acho que tem uma coisa da realidade, mas as estratégias teriam que ser buscadas, criadas. Teria que haver essa preocupação e maior investimentos nessa área. Até para poder ter a resposta. Até para a própria atuação do Conselho ficar mais adequada.

Eu diria o seguinte: que o Conselho não faça absolutamente nada durante dez anos. Que vá escutar o psicólogo que está pensando na coisa imediata, para que ele vá descobrindo que o salário dele de amanhã tem a ver com a política de formação. Mas ele tem que descobrir isso. Ele é que tem que ampliar o horizonte a partir de onde está. Não adianta quem está no outro ponto olhar e dizer "eu estou enxergando isso". Não repercute.

"Creio que, no futuro, a função do psicólogo será a de um instrumentalizador. Isso valoriza o profissional"

COMPORTAMENTO

Internet define subjetividade no final do século

Bella é uma garota francesa que mora em Nova York e frequenta com grande regularidade as salas de conversa (*chat*) da internet. Como tantos outros que se encontram na rede para um bate-papo, Bella também descobriu ali uma maneira fácil e barata — pelo menos em tese — de trocar informações e emoções. Iniciou uma paixão virtual e quase perdeu o namorado quando este a confundiu com uma outra, que adotava o mesmo *nickname* (apelido) na internet. “Numa das vezes que estava conectada, apareceu uma mensagem de uma outra Bella pedindo socorro”, lembra a mineira de Belo Horizonte, Isabella. A confusão se formou quando o namorado da garota francesa pensou que sua Bella estava se comunicando com outras pessoas pela rede e interpretou o fato como traição. Nesses *chats* só é permitido a uma pessoa usar determinado *nick*. Assim, a forma encontrada pela garota de Nova York para desfazer o mal-entendido foi pedir a Isabella para que enviasse uma mensagem ao namorado dela explicando tratar-se de duas pessoas diferentes. “Fiz o que ela pediu, mas acho que o namorado não se convenceu totalmente”, conta Bella-BH, *nick* que passou a usar depois do episódio.

Toda essa confusão dificilmente acontecerá fora da rede. Além da presença física, outras possibilidades de comunicação entre dois namorados, como uma conversa pelo telefone, uma fita gravada ou uma carta escrita pelo próprio punho poderiam até causar algum mal-entendido, mas nunca em proporção equivalente à descrita acima. Seja pela voz ou pela caligrafia, o receptor da mensagem tem indicativos mais claros sobre quem é seu interlocutor. Como a virtualidade sempre deixa dúvidas, pela internet é mais difícil encontrar tais pistas. Limitações à parte, a verdade é que a rede mundial de computadores, a mais anárquica e livre forma de se comunicar de que se tem notícia, popularizou-se nesta década em velocidade comparável à praticada pelos *bits* na transmissão das informações contidas na memória do computador. Obviamente, a razão desse sucesso todo se explica pela facilidade com que essa comunicação ocorre. E também pelo preço: com o valor de uma ligação local, o usuário pode se conectar a qualquer parte do mundo. Frente a essas facilidades, os adeptos da

RELAÇÕES TRAVADAS VIA COMPUTADOR JÁ SÃO UM HÁBITO EM TODO O PAÍS, MAS PROFISSIONAIS QUESTIONAM SEUS EFEITOS E HÁ MESMO QUEM DEFENDA A CENSURA NA REDE

internet crescem em número e aos poucos começam a dominar a linguagem e a rastrear as possibilidades que a rede oferece a seus usuários. Só no Brasil, durante o ano de 1996, o número de usuários pulou de 110 mil, em março, para um milhão de pessoas em dezembro.

FACILIDADES

A comunicação *on-line* encurta as distâncias e derruba as fronteiras construídas em milhares de anos de história. Depois de sua chegada, ficou mais fácil conversar com uma pessoa do outro lado do mundo através do computador do que, muitas vezes, encontrar um vizinho. “Falo mais frequentemente com uma irmã que mora em Boston (EUA) do que com a outra que está na mesma cidade que eu”, conta Bella-BH. Aliás, foi exatamente para facilitar — e baratear — a comunicação com a irmã que mora nos Estados Unidos que Isabella resolveu se conectar à rede mundial de computadores, em março de 1996. Em muito pouco tempo, no entanto, descobriu as maravilhas do mundo virtual. E ela, que sempre gostou de passar noites acordada, encontrou rapidamente companhia para suas madrugadas. Fez muitos amigos na internet e hoje considera-se uma viciada pela rede. “Sentada diante da tela e com o conforto que você quiser, o mundo vem até a sua casa”, argumenta. Com tantas opções a serem exploradas, Bella passou a ficar cada vez mais tempo diante do teclado. Seu recorde mensal até agora: 140 horas. “Vira uma cachaça”, brinca a mineira. Embora, atualmente, já não passe tanto tempo assim “plugada” no computador, ela não consegue mais abrir mão dos benefícios desse mundo eletrônico. “Ajuda bastante a com-

bater a solidão da gente, mas pode ser perigoso para as pessoas que valorizam apenas as relações virtuais”, diz.

Os adolescentes são os mais vulneráveis. Muitos iniciam namoros sérios ou passam muitas horas em salas de conversa e *sites* que abordam temas como sexo e violência. “São os que mais mentem”, diz Nin@, uma frequentadora de *chats* desde dezembro de 1996. Nin@ é economista e entra no *pate-papo* quase diariamente. Para ela, uma forma de relaxar e conhecer pessoas. Zel, *nick* da analista de sistemas Ivanise Maravalhas Gomes, conheceu Miguel — ou Trovador, como costuma se identificar para os amigos virtuais — numa dessas salas de bate-papo. Os dois ficaram amigos, conheceram-se pessoalmente e há um ano e meio iniciaram um romance. Trovador mora no Rio de Janeiro e estuda psicologia. Zel mora em São Paulo. Eles se comunicam diariamente pela rede e se encontram pessoalmente quando isso é possível. Sexo virtual não acontece entre eles. “Usamos a internet por ser a forma mais barata de nos comunicarmos. Namoro, só pessoalmente mesmo”, explica Zel. Usuária da rede há mais de dois anos, Zel afirma sempre ter encontrado muita solidariedade entre os amigos da rede. “É muito comum você receber dicas dos internautas mais experientes”, diz. Apesar de reconhecer a existência de tipos mais brincalhões, Zel conta que pelo menos a maior parte das pessoas que conhece fala a verdade. “Sei de um garoto que anota num caderno as características dos personagens que inventa e das mulheres com quem conversa, para não cometer enganos quando volta a falar com essas pessoas.

Mas ele é exceção entre meus amigos”, explica ela. “Fujo de pessoas não criativas e que não conseguem manter uma conversa inteligente, e não mitifico esse espaço. Trato-o como qualquer outro lugar que eu frequento”, conta por sua vez Nin@.

Bella-BH, assim como Zel e Nin@, acha que consegue manter um distanciamento saudável com o computador. Também já fez muitos amigos. E reais. “Quando vou a São Paulo, hospedo-me na casa deles”, conta. Ela admite ainda haver os frequentadores do *chat* que preferem se manter no anonimato. “Tenho um amigo que não gosta de ir aos encontros que patrocinamos, mas está sempre presente às conversas virtuais”, diz Bella. Ou seja, um representante típico daqueles que sentem dificuldades de transpor as barreiras previstas em formas habituais de relacionamento, que acreditam que possam fazê-lo com maior facilidade através do computador.

Mas há outros aspectos a serem analisados. E há quem considere que a internet também representa riscos para seus usuários. “Protegidos pelo computador, criminosos potenciais podem encontrar coragem para agir”, acredita a advogada Sandra Gouveia, que usou a internet para fazer uma tese sobre os crimes cometidos na rede. A monografia foi apresentada no final do seu curso de pós-graduação, na Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro, em 1995, e vai ser transformada em livro, a ser publicado ainda este ano por uma editora carioca. Analisando principalmente a legislação específica e os processos americanos sobre o tema, a advogada chegou a conclusões em sua pesquisa que desmentem algumas crenças amplamente divulgadas sobre a rede. “A privacidade no mundo eletrônico é facilmente violável”, explica Sandra. Para ela, crimes cometidos por mero prazer, curiosidade, desafio ou com objetivos comerciais não são ações fáceis de serem coibidas na rede. Ainda segundo suas informações, tais pessoas interceptam *e-mails* confidenciais, destroem arquivos, apropriam-se de senhas de cartões de crédito praticando golpes milionários no mercado financeiro, corrompem menores ou negociam drogas, sem que muitas vezes seja possível punir ou nem sequer encontrar os culpados.

COMPORTAMENTO

Defensora de criação de legislação específica e de polícia especializada para combater os crimes, a advogada toca numa questão delicada: a censura na rede. Criada para ser uma forma livre de comunicação, a internet não tem nem pode ter dono. Grupos de usuários de todo o mundo tentam estabelecer um código ético a ser seguido, mas transgressões graves como estelionato, planejamento de homicídio ou suicídio, receitas de bombas, só para citar alguns desses delitos, começam a dividir as opiniões. "Surgem os crimes e, logo em seguida, as soluções. E novos crimes para burlar as soluções encontradas", opina Bella-BH. Como usuária, a mineira diz haver ética na rede. "Eu mesma já assinei várias manifestações contrárias a propagandas racistas e pró-violência."

Aspectos

Psicológicos

A polêmica sobre as facilidades e os perigos desse mundo interativo já se instaurou entre os especialistas do comportamento humano. Alguns tímidos. Outros, como a professora do Departamento de Psicologia Social da USP Sueli Damergian, acreditam que esse tipo de relação interpessoal contribui para afastar ainda mais as pessoas. "No contexto da globalização, cada um é definido por sua capacidade de consumo", argumen-

ta. "A tendência de exclusão dos que não se enquadram nessa nova ordem é grande", completa. Para a professora da USP, a relação entre excluídos e privilegiados, numa sociedade como a nossa, já é difícil, pois os primeiros são comumente vistos como ameaça pelos segundos. Oferecer um instrumento como a internet pode tornar a possibilidade de relação entre pessoas com níveis sociais diferentes ainda mais remota. "Não se tem nem mais o limite da nacionalidade", argumenta a psicóloga. Donos do conhecimento e da vontade, e de posse dos controles do computador, certos usuários da rede podem ter a impressão de que serão capazes de exercer domínio sobre todas as coisas e que poderão ter o mundo a seus pés, ou melhor, nas mãos. "Só me relaciono com aquilo que me gratifica", poderia dizer um internauta inveterado. Mas, se isso parece ser um bom argumento para alguns, para Sueli tal raciocínio não tem nada de

saudável e além de tudo é perigoso. O acesso às informações mais disparatadas e o poder de "deletar" o outro quando este não corresponder àquilo que se espera dele, leva, na opinião dela, à gratificação de mecanismos dos mais primitivos. "Incrementa-se um componente infantil que é a onipotência", esclarece Sueli. Ela ainda chama a atenção para um outro aspecto: o estímulo à voracidade. "Cria-se no indivíduo necessidades que, na verdade, ele não tem", afirma. "A pergunta que devemos nos fazer o tempo todo é se realmente há necessidade de tal demanda", completa a psicóloga.

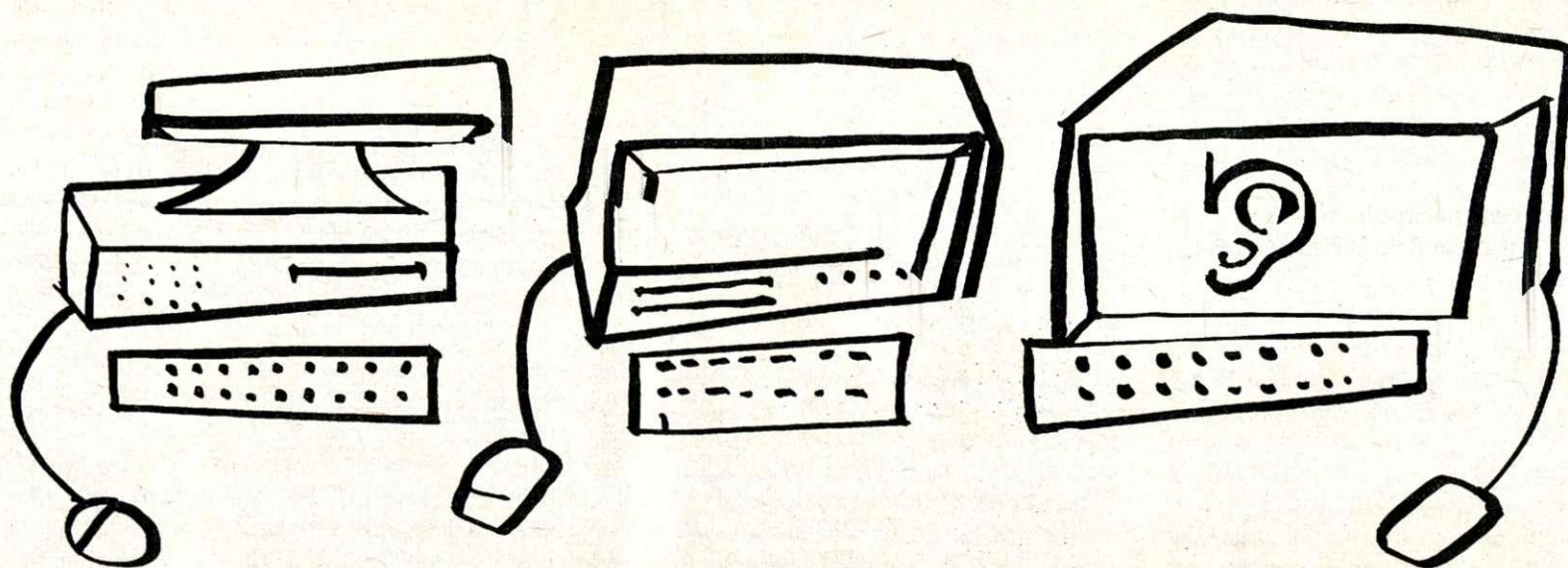
Se é possível ou não encontrar um limite saudável para o uso do computador e das maravilhas que ele oferece, ainda não

mais íntimos a pessoas que provavelmente nunca verão em carne e osso. Tal vício leva-os ainda a verificar se há mensagens no e-mail a cada minuto. E muitos já reconhecem em si próprio o distúrbio e começam a se organizar em grupos de ajuda. "É uma das possibilidades saudáveis, porque indica que essas pessoas são críticas em relação aos riscos que há em embarcar numa viagem virtual", analisa Sueli.

Há, por outro lado, terapeutas virtuais dispostos a tratar a síndrome *on-line*, o que nos leva à irresistível analogia: seria comparável a discutir o alcoolismo na mesa do bar? Nos Estados Unidos, o uso da internet por profissionais da área médica já é comum. Há entidades formadas, como a Health on the Net Foundation (HON), com

lá de polêmico, Salgado defende-se lembrando que a terapia *on-line* é realidade em muitos países, como Estados Unidos, Inglaterra e Canadá. Considera importante a iniciativa dos órgãos que regulamentam a profissão do psicólogo em estimular o debate entre os colegas do Brasil, mas já adianta sua opinião. "É censurável a intenção de censurar os serviços de psicologia *on-line*", diz Salgado.

Na página criada por ele na internet, pode-se esclarecer dúvidas sobre os tipos de atendimentos psicológicos disponíveis e sobre como funcionam essas terapias. Quanto aos órgãos que regulamentam a profissão no Brasil, a prática é condenada e grande parte dos psicólogos não está vendendo com bons olhos essas terapias. "As gran-



dá para saber com precisão. Mas há algo que é inegável. A internet conquistou o mundo e veio para ficar. Ninguém sabe ao certo quantos são os seus usuários, mas sua popularidade captura indivíduos de todas as raças, profissões e idades. E a velocidade impressionante com que tem arrebanhado mais e mais adeptos pode ser, de certa forma, medida pelo papel que já ocupa no nosso imaginário. Os neologismos tirados dos comandos do computador invadiram a mídia, as salas de aula, o ambiente de trabalho. E existe até uma nova síndrome sendo identificada: o *netvício*.

O distúrbio ocorre em aficionados por computador, quando suas relações pessoais e familiares começam a se alterar por conta das horas dispensadas à máquina. A pista mais concreta para se chegar a essas vítimas são os valores exorbitantes de suas contas telefônicas. Cada vez mais distantes dos familiares e vizinhos, esses indivíduos são capazes de revelar seus segredos

o objetivo de agregar e defender os interesses desses profissionais. Pela rede, pode-se encontrar uma lista extensa de terapeutas que atuam nessa área, que eles próprios denominam ciberterapia ou psicoinformática. Nos programas de busca disponíveis na rede pode-se encontrar dezenas de ofertas desse tipo.

No Brasil, a moda da terapia *on-line* também começa a pegar. Marcelo Salgado, um dos primeiros terapeutas a atender pela internet, defende a utilização da rede para esse fim. "Não se pode confundir atendimento psicológico por telefone com serviços *on-line* com computador Pentium Multimídia, 16 Mb de memória RAM e videocâmara para videoconferências", justifica o psicólogo. Para Salgado, são inegáveis os avanços da informática para tornar cada vez mais "real" o encontro entre duas ou mais pessoas pelo *chat*. "O cara a cara já existe na internet", argumenta ele. Sem deixar de reconhecer que o assunto é para

des angústias dos seres humanos são geradas no seu contato humano. Como tratar isso através de uma máquina?", indaga Sueli Damergian. "Soa como acreditar que o homem pode ser tão programável quanto o computador", conclui. Programáveis e operadas por humanos, essas máquinas foram criadas para serem instrumento a serviço da humanidade. "A internet não pode se tornar uma arma", adverte Sandra Gouveia. Impedir que isso ocorra depende exclusivamente de seus usuários. "Seria interessante que houvesse um limite de uso e a internet servisse para o que realmente interessa: auxiliar a pesquisa", acrescenta Sueli Damergian.

Obs.: As opiniões de Marcelo Salgado contidas na matéria foram retiradas de textos dele na internet, cuja íntegra encontra-se disponível no site www.cearaonline.com.br/a_noticia.

COMEMORAÇÃO

Psicologia: 35 anos

Exposições de artesanato, pintura, escultura, fotografia, vídeo, dança, poesia e literatura, além da inauguração da nova sede do Conselho. Esta foi a forma encontrada pelo CRP-06 para comemorar o Dia do Psicólogo, em 27 de agosto (veja programação abaixo). A opção não foi gratuita. Afinal, neste ano comemoram-se 35 anos de existência da profissão. E, mesmo que a realidade atual não seja nenhum mar de rosas, muita coisa mudou desde aquele distante 1962, quando o embate principal dos profissionais da psicologia era vencer a resistência dos médicos psiquiatras (que acreditavam ser exclusividade sua qualquer prática profissional que se referisse ao mecanismo psíquico) para conseguir aprovar no Congresso a lei 4.119, que regulamenta a profissão. Hoje, a especificidade da psicologia entre as ciências psi é inquestionável.

E, embora muitos profissionais da medicina ainda a considerem subordinada ao seu campo de conhecimento, a presença do psicólogo nas equipes interdisciplinares dos hospitais (muitas vezes a pedido dos próprios médicos) é uma realidade sem volta, sinal inquestionável do entendimento de que a atuação mental sobre o funcionamento do organismo exige cuidados específicos. "Desde que começaram a trabalhar em hospitais, os psicólogos ajudaram muito para que acontecessem algumas mudanças significativas no trato da medicina com alguns tipos de doentes; mudanças que permitiram humanizar mais o tratamento", aponta Sylvia Leser de Mello, professora do Instituto de Psicologia da USP desde sua fundação.

A exemplo dos hospitais, os conhecimentos da ciência psicológica vêm sendo cada vez mais requisitados em áreas antes impensáveis. E, aos termos já conhecidos como psicologia organizacional ou educacional, vêm juntar-se outros, como psicologia jurídica, do esporte ou ambiental, que começam a ser pronunciados sem causar espanto ou perplexidade. Isso, se por um lado, mostra a grande capacidade de inserção que a psicologia veio demonstrando ao longo do tempo, por outro confronta-se com uma realidade que, no mínimo, dá margem a que se levantem muitas

interrogações. Segundo os dados apurados no recadastramento dos psicólogos, realizado pelo CRP e Fundação Seade em 1995, somente metade dos profissionais que se formam vão exercer a profissão. E, desses, a grande maioria vai trabalhar na clínica privada, deixando dúvidas sobre como estão se desenvolvendo as chamadas novas áreas.

Para Sérgio Leite, professor do Departamento de Psicologia Educacional da Faculdade de Educação da Unicamp, esta é uma situação que demonstra claramente que a psicologia está passando por um processo de transformação. "Só que é muito lento. Há mudanças, mas os principais traços da categoria

ainda não mudaram. É um grande avanço que esteja ocorrendo a abertura de trabalho em novas áreas, mas a marca central da profissão ainda nos dá a idéia de que somos uma categoria conservadora, com uma tendência muito forte para o trabalho clínico", disse ele.

Seguindo em seu raciocínio, o professor observa a importância de que se esteja atento ao fato de que há um "descompasso" entre as ciências enquanto área de conhecimento e enquanto prática profissional. "A psicologia não é exceção. Via de regra, o trabalho profissional é mais lento. A academia é mais ágil, reflete mais rapidamente as demandas sociais. Mudar a prática é mais difícil porque

implica mudar valores que às vezes as pessoas estão praticando há décadas. Já a revisão teórica contínua faz parte do trabalho de pesquisa."

Teoricamente, encurtar essa distância deveria ser função da formação básica. Mas, com currículos que mudam lentamente e uma política de educação que privilegia o poder econômico e as escolas particulares em lugar do projeto educacional de cada instituição, o fato é que os novos profissionais saem defasados em relação à realidade sobre a qual vão ter de atuar. Mas a cada dia mais profissionais se juntam ao coro dos que questionam o modelo teórico que vem dando sustentação à prática



PARTICIPE DO DIA

SÃO PAULO

"Psicologia: 35 anos de Cabeça Aberta"

Coquetel de Inauguração da nova Sede do CRP-06 - Rua Arruda Alvim, 89 - São Paulo (próximo à estação Clínicas do metrô)

Data: 29/8/97 - 19h00

Inscreva seus trabalhos até 20/8 nas áreas de pintura, escultura, fotografia, vídeo, artesanato, música, dança, poesia ou literatura e confirme sua presença pelo telefone (011) 574.7133 ou pelo E-mail: crpsp@psicnet.com.br

ASSIS

Mostra de Produções Artísticas, Culturais e Científicas de Psicólogos da Região de Assis

Abertura e coquetel, dia 27 de agosto de 1997, a partir das 21h00, no Almanaque

Restaurante Bar, Avenida Rui Barbosa, 1251

- Assis. Inscreva seus trabalhos nas áreas de pintura, escultura, fotografia, vídeo, artesanato, música, dança, poesia ou literatura ou confirme sua presença, até o dia 20/8, pelo telefone (018) 322.6224.

BAURU

Exposição "Psicologia e Arte"

Abertura e coquetel dia 26 de agosto de 1997, a partir das 20h00

Local: Cultural Yazigi - Rua Bandeirantes, Quadra 6 - esquina com Azarias Leite - Centro - Bauru.

Envie seus trabalhos nas áreas de pintura, escultura, fotografia, artesanato, música, dança, poesia ou literatura e confirme sua presença, até 20/8, pelo telefone (014) 223.3147 - Subsede de Bauru - Rua Albino Tâmbara 5-28 - Cidade Universitária - Bauru.

CAMPINAS

Mostra de Produções Científicas, Artísticas e Artesanais de Psicólogos da Região de Campinas

Abertura dia 26 de agosto de 1997

A partir das 20h00, na Subsede de Campinas - Rua Frei Manoel da Ressurreição, 1251

Jd. Guanabara, Campinas.

Inscreva seus trabalhos e confirme sua presença até 15/8 pelo telefone (019) 243.7877.

RIBEIRÃO PRETO

Debate

Psicologia e Profissão

Dia 27 de agosto de 1997, às 14h00, Local:

Anfiteatro da F.F.C.L.R.P.-USP

Av. Dos Bandeirantes, 3900,

Ribeirão Preto.

COMEMORAÇÃO

de cabeça aberta



psicológica no Brasil. Na opinião de Raul Albino Pacheco, professor de História da Psicologia na PUC de São Paulo, esta é uma contradição que, embora acompanhe a ciência psicológica desde o seu nascimento, tem encontrado grupos dispostos a questioná-la. "Precisamos considerar que a psicologia nasce junto com o capitalismo. E utiliza, num primeiro momento, um modelo importado das ciências médicas e naturais. Só que, como ciência humana, vai desmascarar a ideologia capitalista, que admite apenas uma subjetividade padronizada, massificada", pondera.

Pacheco aponta um movimento de reação no Brasil a esta psicologia individualizante, que a pretexto de

estudar a singularidade e a subjetividade negligencia os fatores históricos e sociais. "Tem surgido uma psicologia na América Latina que se volta contra esse estado de coisas, buscando formas alternativas de atendimento." Dizendo-se otimista em relação a esse movimento, o professor completa: "O que possibilita o avanço são as contradições que emergem dentro de cada uma das formas de atuação. E mesmo que haja uma tentativa de cooptação do capitalismo com a psicologia, dessa tentativa acabam surgindo mais verbas para a psicologia, que permitem ao profissional pensar sobre sua prática. É claro que estou me referindo a um processo histórico que,

como tal, traz aspectos negativos e positivos, mas que vão encontrar sua síntese em novas possibilidades de desenvolvimento".

Problema crucial para os psicólogos, a questão apontada por Pacheco revela o centro das discussões em todas as áreas de atuação: a concepção de homem da psicologia. Nesse sentido, a grande discussão dos profissionais ainda gira em torno de dois extremos. De um lado aqueles que colocam o determinante do homem como algo interno. E de outro aqueles que o colocam no ambiente, na cultura. O setor de educação é um dos que mais têm realizado trabalhos que apontam novas direções. Embora ainda se

tenha uma parcela significativa de profissionais trabalhando com um modelo "médico", como se convencionou chamar as correntes que acreditam nos determinantes internos do homem, já não são poucos os que vêm questionando essas práticas e ganhando terreno no campo de pesquisa. "A própria pesquisa nos ajudou a desmistificar visões ultrapassadas. Há dez anos, quando se trabalhava com crianças que não aprendiam na escola, diziam que isso se devia ao seu QI. Mas, quando triávamos aquelas crianças e criávamos condições diferentes, elas aprendiam. Ou seja, a própria pesquisa mostrou que os homens não são frutos assim de uma determinação", conta Sérgio Leite.

Mesmo com alguns conceitos comprovados cientificamente, no entanto, ainda é comum tratarmos crianças que apresentam distúrbios de aprendizagem como uma questão de QI ou de deficiência mental. Assim como em outros campos ainda prevalecem modelos ultrapassados de abordagem. Mas nesse sentido, sem desprezar os fatores ideológicos que interferem na prática científica, as discussões apontam para uma necessidade que não é nova, mas que até pouco tempo atrás era possível ser cumprida individualmente por cada profissional: a de que esteja em contínuo processo de aprendizado. Com a rapidez que caracteriza o final do século e o grande número de pesquisas produzidas nas mais diversas áreas de conhecimento, teorias que hoje estão no topo da vanguarda amanhã podem ser consideradas peças de museu. "Hoje uma tese na área de educação dura no máximo seis ou sete anos", diz Sérgio Leite.

E finaliza: "Uma questão sobre a qual precisamos refletir é a que diz respeito ao desenvolvimento profissional. O que temos observado é que há uma consciência de boa parte das pessoas de que a formação apenas não garante a qualidade da prática. É necessário investir mais na educação continuada. E acredito que, sem ignorar a questão da qualidade da formação, a universidade também está devendo ao profissional maiores investimentos em termos de seu desenvolvimento".

DO PSICÓLOGO

Inauguração da Subsede de Ribeirão Preto

Data: Dia 27 de agosto de 1997
A partir das 20h00,
Rua Thomaz Nogueira Gaia, 168
Ribeirão Preto.

Mostra de Produções Artísticas, Culturais e Científicas

Inscriva seus trabalhos até 15/8 e confirme sua presença até 20/8 pelo telefone (016) 620.1377.

SANTOS

1ª Mostra Cultural e Artística "O psicólogo na expressão da atualidade"

Abertura dia 27 de agosto de 1997, a partir das 19h00, no MIS - Museu da Imagem e do Som de Santos - Avenida Pinheiro Machado, 48 - Santos

Envie seus trabalhos nas áreas de pintura, escultura, fotografia, vídeo, artesanato, música, dança, poesia ou literatura, inscreva-se até 15/8 pelo telefone (013) 235.2324.

S. JOSÉ DO RIO PRETO

Dia do Psicólogo

Mostra de Produções Científicas, Artísticas e Artesanais de Psicólogos da Região de São José do Rio Preto.

Dia 27 de agosto de 1997, a partir das 20h00, Av. Arthur Nonato, 5439 São José do Rio Preto.

SANTO ANDRÉ

Exposição "Psicólogo também faz arte"

Abertura e coquetel
Data: 27 de agosto de 1997 - A partir das 19h30, no Porto Entrepasto Cultural.

Rua Das Monções, 585

B.Jardim - Santo André.

Inscriva seus trabalhos até 20/8 nas áreas de pintura, escultura, fotografia, artesanato, música, dança, poesia ou literatura. Confirme sua presença pelo telefone: (011) 444.4000.

TAUBATÉ

"Venha mostrar sua arte"

Comemoração, exposição e coquetel

Dia: 27/08/97 a partir das 20h30

Local: Cantina e Pizzaria Potenza

Av. Armando Sales de Oliveira, 279 - Taubaté (perto da CTI)

Envie seus trabalhos em pintura, escultura, fotografia, artesanato, música, dança, poesia e literatura.

Confirme sua presença até 20/08 das 13h00 às 18h00 pelo telefone (012) 233-3867

PALESTRA

Formação e exercício profissional

O Conselho Regional de Psicologia participou, no mês de julho, do XXVI Congresso Interamericano de Psicologia com a apresentação da mesa "A formação e suas repercussões no exercício profissional". A mesa foi coordenada pelo conselheiro-presidente, Sidnei Celso Corocine, com palestras dos conselheiros José Roberto Tozoni Reis, Glória E.B. Pires Von Buettner e Nilma Renildes.

Foram apresentados, pelo conselheiro Tozoni, os dados obtidos com o Recadastramento realizado pelo CRP e pela Fundação Seade, em 1995, mostrando um retrato da profissão no Estado de São Paulo. Para realizar sua palestra, Tozoni teceu uma comparação dos dados referentes às escolas, relativos à formação pós-graduada, à atuação ou não na área da psicologia e à faixa de rendimento e jornada semanal de trabalho dos profissionais. O conselheiro utilizou como amostragem as quatro maiores escolas públicas do Estado, as quatro maiores particulares de orientação religiosa e as quatro maiores particulares laicas.

Já a conselheira Nilma Renildes apresentou um resumo da experiência que vem sendo desenvolvida pelo Centro de Orientação do CRP. Fazendo uma análise qualitativa das questões que mais suscitam a busca do profissional pelo CO, Nilma demonstrou que grande parte da demanda que chega ao Centro refere-se a questões que deveriam ser resolvidas na graduação. Um dos exemplos citados pela conselheira foi o grande número de psicólogos que procuram o Conselho com dúvidas sobre como deve ser elaborado o laudo. Dessa forma, a conselheira mostrou a interface entre qualidade da formação e exercício profissional.

A conselheira Glória Von Buettner, por sua vez, fez uma análise da situação atual dos cursos de psicologia, partindo dos princípios e das diretrizes traçados pelos Congressos da Psicologia. Dessa forma, expressou a posição da gestão **Psicologia em Ação** em relação à questão da formação profissional, mostrando a necessidade de que o assunto continue sendo discutido pela categoria.

ACONTECEU

Assis

- No dia 25 de junho estiveram reunidos a Comissão Gestora da Subsede, a presidência do Sindicato dos Psicólogos no Estado de São Paulo e psicólogos de toda a região para retomada das negociações sobre piso salarial e carga horária.

- A Subsede participou, no dia 3 de julho, em Presidente Prudente, de reunião de entidades ligadas à Saúde, que contou com a presença do prefeito daquele município, Mauro Bragatto. Na oportunidade, as entidades questionaram Bragatto sobre os compromissos da atual gestão municipal com a Saúde Mental. Ficou deliberado que se criará um grupo de trabalho com representantes das entidades presentes, usuários e funcionários para elaborar um projeto de saúde mental. Posteriormente, na reunião ordinária do Conselho Municipal de Saúde, o CRP-06 foi escolhido como uma das entidades que deverão compor a comissão.

- O Conselho Municipal de Saúde de Assis, que conta com a representação deste CRP, escolheu o tema e a data da III Conferência Municipal de Saúde: "Bem Estar Social – Participação e Integração", que será realizada de 10 a 12 de outubro deste ano.

Campinas

- Em 28 e 29 de junho, foi realizada a IV Conferência de Saúde de Campinas, no Colégio Coração de Jesus. O evento contou com a participação de mais de 300 delegados, sendo que a categoria dos psicólogos estava representada por 10 delegados. A conferência reafirmou o compromisso com o SUS e seu aprimoramento. Como resultado final, Campinas propôs-se a ser um foco de resistência contra o desmantelamento do Sistema Único de Saúde.

- Foi inaugurada a nova Subsede de Campinas, no dia 3 de julho. A inauguração foi comemorada com uma festa junina que contou com cerca de 60 psicólogos representantes de gestões anteriores, além dos membros da

diretoria atual: Sidnei Corocine (conselheiro-presidente), Maria Costantini (vice-presidente) e Sérgio Luiz Braghini (conselheiro-tesoureiro). Também participou das comemorações a psicóloga cubana Albertina Mitjans Martinez, atualmente prestando serviços na Universidade de Brasília.

Santo André

- A Subsede participou da IV Conferência Municipal de Saúde, realizada de 4 a 6 de julho, agora sob nova lei que devolveu seu caráter deliberativo. Na oportunidade foram eleitos os membros do Conselho Municipal de Saúde, que também passa a ser deliberativo. Durante a conferência decidiu-se transferir as discussões a respeito da Saúde Mental para uma conferência específica sobre o assunto em que deverão ser discutidos a política a ser adotada e os tipos de investimentos a serem feitos no setor.

Taubaté

- No dia 12 de junho, o evento "Saúde mental: a luta pela cidadania", no Museu de Antropologia do Vale do Paraíba, em Jacareí. Participaram como debatedores Floriano Nuno B. Pereira (membro da Comissão Nacional de Reforma Psiquiátrica e conselheiro do CRP-06) e Geraldo Peixoto (vice-presidente da Associação Franco Basaglia). O encontro foi uma realização da Subsede e contou com público formado por psicólogos, médicos e outros profissionais da área da saúde, além de estudantes.

- No dia 1º de julho foi a vez de os profissionais do Vale do Paraíba discutirem "Saúde mental e trabalho", em evento realizado no Sesc de São José dos Campos. A palestra foi proferida pelo psicólogo Luiz Humberto Sivieri (professor da PUC-SP, da Universidade de Mogi das Cruzes, assessor da CUT Nacional e conselheiro do CRP-06). Participaram psicólogos do Vale do Paraíba e Litoral Norte, bem como profissionais ligados à área sindical, além de médicos e estudantes. O evento culminou no 1º encontro com outras entidades como a CUT, CRST e outros sindicatos que permitiu que se estabelecessem alianças políticas.

Informe publicitário

CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS

O CEP - Centro de Estudos Psicanalíticos, dirigido por Ernesto Duvidovich e Walkiria D.P. Zanoni, informa que estão abertas as entrevistas de seleção para o

Curso de Formação em Psicanálise

Duração: 6 semestres
Estratégia Didática: Aulas teóricas, discussões clínicas, atendimento de pacientes, supervisões e seminários clínicos.

Informações e Inscrições
Rua Dr. Acácio Nogueira, 06 - Pacaembu
Fones: 864-2330 ou 62-0952

Informe publicitário

Atendemos em todo o Brasil

DISQ FREUD®

SP - (011) 815-3344 BIP 6R29
RJ - (021) 442-2430

Obras completas, garantia Super promoção - Português - 24 vols. - Editora Imago - Preços: à vista 380,00 ou 2x 200,00 ou 4x 105,00 - Castelhanos 25 vols. - Editora Amorrortu - Espanhol 3 vols. - Editora Nueva - Traduções do Alemão - Sob consulta.

Atendemos volumes avulsos

Entrega a domicílio

de Segunda a sábado de 8:00 às 20:00 horas

CGC 72.082.308/0001-34

Informe publicitário

"O Instituto Sedes Sapientiae está recebendo inscrição para 21 cursos de Especialização e de Extensão, com início em agosto, para profissionais de Saúde Mental. Mais informações podem ser obtidas pelo telefone 873-2314 ou pessoalmente à Rua Ministro Godoy, 1484 - Perdizes".

TORTURA

Abaixo-assinado pede punição para torturadores de crianças e adolescentes

O Conselho Regional de Psicologia comunica aos psicólogos que se encontra em sua Sede e em todas as Subsedes, à disposição de quem quiser assinar, uma cópia de projeto de lei de iniciativa popular para que o artigo 233 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) volte a vigorar, punindo torturadores. O projeto de lei foi motivado pelo fato de deputados e senadores federais terem diminuído as penas dos responsáveis pelas torturas de crianças e adolescentes, independentemente do fato de os maus-tratos terem causado lesões gravíssimas ou até mesmo a morte.

O projeto de lei vem sendo assinado por pessoas e entidades comprometidas com a defesa dos direitos humanos em todo o país e conta com a participação, como signatário, do Conselho Regional de Psicologia - Sexta Região. Dessa forma, o CRP convoca todos os psicólogos a participar, assinando e recolhendo assinaturas, contribuindo para a superação definitiva desse problema.

Projeto de Lei de iniciativa popular para revogar parcial e expressamente a disposição do Art. 4º da Lei nº 9.455, de 07 de abril de 1997, para restaurar expressamente a vigência e a eficácia dos parágrafos segundo e terceiro da disposição contida no Art. 233 da Lei 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente, e modificar a disposição contida no parágrafo terceiro do Art. 1º da Lei nº 9.455, de 07 de abril de 1997.

Os cidadãos brasileiros, no pleno gozo de seus direitos políticos e eleitorais na forma de lei, decidem subscrever, atendendo aos requisitos fixados no parágrafo segundo do Art. 61 da constituição federal, projeto de lei, exercendo a iniciativa popular, apresentando-o à Câmara dos Deputados com o seguinte teor:

Art. 1º - Revoga-se parcial e expressamente a disposição do Art. 4º da Lei nº 9.455 de 07 de abril de 1997, que define os crimes de tortura e dá outras providências.

Art. 2º - Restaura-se expressamente a vigência e a eficácia das disposições contidas nos parágrafos segundo e terceiro do Art. 233 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente.

Art. 3º - Modifica-se a redação do parágrafo terceiro do Art. 1º da Lei nº 9.455, de 07 de abril de 1997, para que a mesma passe a vigorar com a seguinte redação:

"Parágrafo Terceiro - Se resultar lesão cor-

Veja o texto do projeto de lei:

poral de natureza grave ou gravíssima, a pena é de reclusão de 04 (quatro) a 10 (dez) anos; se resulta morte, a reclusão é de 08 (oito) a 16 (dezesseis) anos. Essas penas, na hipótese em que a vítima venha a ser criança ou adolescente, serão aumentadas para os limites definidos nos parágrafos segundo e terceiro do Art. 233 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente, observando-se, no que concerne ao parágrafo subsequente, o limite de 30 (trinta) anos."

Art. 4º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Justificativa - No processo legislativo do qual resultou a elaboração da Lei nº 9.455, de 07 de abril de 1997, que dispôs sobre os crimes de tortura, o legislador ordinário fez uma escolha que resultou na revogação do Art. 233 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente, que estava assim redigido:

"Art. 233 - Submeter criança ou adolescente sob sua autoridade, guarda ou vigilância a tortura:

Pena - reclusão de 1 (um) a 5 (cinco) anos.

Parágrafo Primeiro - Se resultar lesão corporal grave:

Pena - reclusão de 2 (dois) a 8 (oito) anos.

Parágrafo Segundo - Se resultar lesão corporal gravíssima:

Pena - reclusão de 4 (quatro) a 12 (doze) anos.

Parágrafo Terceiro - Se resultar morte:
Pena - reclusão de 15 (quinze) a 30 (trinta) anos."

Esta escolha resultou, objetivamente, nos casos de lesão corporal gravíssima e de morte, numa redução das penas anteriormente previstas, o que traduz uma inaceitável involução dos rigores da legislação que, ao proteger a dignidade da pessoa humana em geral e, no caso específico, a das crianças e dos adolescentes, não poderia abrandar punições numa área onde a consciência jurídica mundial tem reclamado as ações mais enérgicas, pois visam à manutenção da integridade física, psíquica e emocional dos seres humanos, que, ainda neste final de milênio, têm sido objeto da ação dos verdugos e carrascos dos mais diferenciados matizes políticos e ideológicos.

Assim, o presente projeto de lei de iniciativa popular visa a corrigir a distorção criada no tratamento específico dos crimes de tortura que venham a vitimizar crianças e adolescentes, dos quais resulte lesão corporal gravíssima ou morte, restaurando o vigor das disposições anteriores do Estatuto da Criança e do Adolescente, para que a sociedade brasileira reafirme o seu compromisso com as gerações futuras no esforço definitivo da política afirmativa.

TORTURA NUNCA MAIS!!!

AGENDA

SUBJETIVIDADE - O Instituto Tempos Modernos, a Fundación Lazos e a Escola da Causa Analítica promovem, de 22 a 24 de agosto, no Instituto Philippe Pinel no Rio de Janeiro, a jornada "As marcas da subjetividade de nossa época". Serão discutidos os seguintes temas: Violência, Novas formas de parentalidade, A mulher hoje, Crianças-adolescência e A velhice. Informações e inscrições: Escola da Causa Analítica, rua Barata Ribeiro, 250 gr 6 - 3º andar, Copacabana - Tel.: (021) 236-0563 e-mail: edca@centroin.com.br.

WILHELM REICH - O Núcleo de Psicossomática e Psicologia Hospitalar da PUC-SP realiza, de 25 a 29 de agosto deste ano, no Centro de Convenções Rebouças, o Encontro Comemorativo do Centenário de Wilhelm Reich. Serão discutidos, entre outros temas, a questão da auto-regulação e democracia do trabalho, O caráter e sua análise, A função do orgasmo, Influências e contribuições do pensamento reichiano à psicologia analítica, psicanálise, gestalt,

psicossomática. Também serão programadas vivências, além da discussão de temas livres. Maiores informações pelo telefax (011) 6941-9221.

LACAN - Os adeptos da teoria lacaniana promovem, de 27 a 30 de agosto deste ano, no Hotel Meridien, na Bahia, a Reunião Lacano-americana de Psicanálise da Bahia de 1997. O evento não consta de temário preestabelecido, os participantes não serão representantes de instituições e, segundo os realizadores, o tempo de leitura de trabalhos será igual para todos. Informações para inscrições na mesa executiva pelo tel.: (071) 332-6159.

DOR - O Grupo de Estudos da Dor do Hospital das Clínicas promove, de 19 a 21 de setembro, no Centro de Convenções Rebouças, o 3º Simbador - Simpósio Internacional de Dor. O evento constará de discussões em várias áreas de conhecimento, entre elas a psicologia. Maiores informações pelo tel.: (011) 284-1511 ou pelo fax (011) 881-1125.

DEPRESSÕES SECUNDÁRIAS - Promovido pelo Grupo de Interconsultas do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP, o I Simpósio Internacional de Depressões Secundárias acontece de 3 a 5 de outubro, no Centro de Convenções Rebouças. Maiores informações pelo tel.: (011) 284-1511 ou pelo fax (011) 284-1678.

PSICOTERAPIA EXISTENCIAL - O Centro de Psicoterapia Existencial promove, de 16 a 19 de outubro de 1997, no Instituto Sedes Sapientiae, à rua Ministro Godoy, 1484 - Perdizes, o IV Congresso Brasileiro de Psicoterapia Existencial. Serão apresentados temas como: Terapia vivencial, fundamentação teórica e filosófica, A violência e suas instituições, Dados relacionados com a tentativa de suicídio na adolescência, Auto-realização e auto-transcendência, A psicologia hospitalar numa abordagem existencial. Maiores informações pelo tel.: (011) 570-5544 ou pelo fax (011) 571-3090.

PSICÓLOGO E CÂNCER - "O lugar do psicólogo no paciente com câncer" é o

nome do evento que a Fundação Pró-Sangue realiza, no dia 7 de novembro deste ano, das 9h às 17h, em sua sede, à Av. Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 155 - 1º andar. O evento será direcionado para psicólogos, psicólogos hospitalares, enfermeiros, assistentes sociais e estudantes de 4º e 5º anos de psicologia. Serão discutidos o conhecimento do diagnóstico, abordagens terapêuticas, psicoimunologia e equipes multiprofissionais. Reserva de vaga e informações pelo tel.: (011) 258-0822, ramais 343 ou 302, das 9h às 12h e das 14h às 17h.

PSICOTERAPIAS CORPORAIS - O Centro Reichiano de Psicoterapia Corporal realiza, de 1º a 3 de maio de 1998, em Curitiba, o I Congresso Brasileiro de Psicoterapias Corporais e o III Encontro Paranaense de Psicoterapias Corporais. O evento constará de palestras, seminários, vivências e apresentações de trabalhos. Maiores informações: Centro Reichiano de Psicoterapia Corporal - fone/fax: (041) 222-8119 ou 233-8707 ou pelo e-mail: centroreichiano@softal.com.br.

PESQUISA

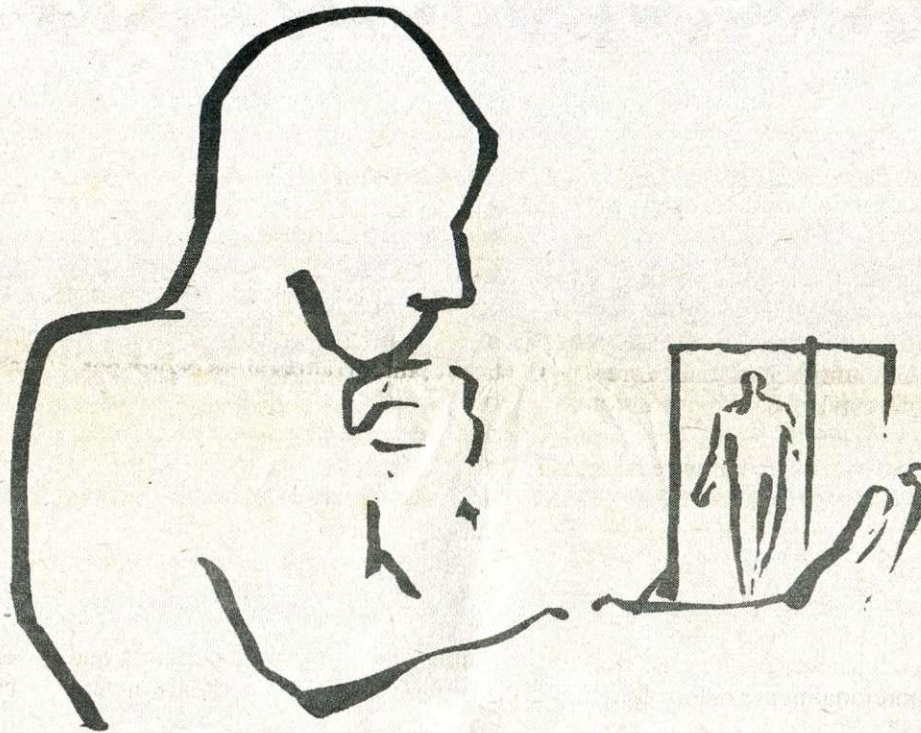
Ciência com responsabilidade

CRIAÇÃO DE COMITÊS DE ÉTICA TRAZ AVANÇO PARA PESQUISAS QUE ENVOLVEM SUJEITOS HUMANOS

Sete meses após a publicação, no Diário Oficial da União, da Resolução 196, que instituiu normas para a realização de pesquisa envolvendo sujeitos humanos, começam a ser contabilizados seus primeiros resultados. De acordo com informações do médico William Saad Hossner, membro do Conselho Nacional de Saúde (órgão responsável pela iniciativa) e que trabalhou como coordenador da discussão que culminou na elaboração da resolução, já foram criados cerca de 100 Comitês de Ética em Pesquisa em todo o país. Ainda segundo Saad, esse número de comitês envolve aproximadamente 800 pessoas.

A criação desses comitês é fundamental, já que no artigo VII da resolução está definido que “toda pesquisa envolvendo seres humanos deverá ser submetida à apreciação de um Comitê de Ética em Pesquisa”. Para tanto, define a resolução, “as instituições nas quais se realizem pesquisas envolvendo seres humanos deverão constituir um ou mais de um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), conforme suas necessidades. Tais comitês são subordinados ao Comitê Nacional de Ética em Pesquisa, vinculado ao Conselho Nacional de Saúde.

Ainda segundo o texto da resolução, os comitês são definidos como “órgãos colegiados interdisciplinares e independentes, com ‘munus público’, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criados para defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integri-



dade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos”. Suas atribuições são as de revisar todos os protocolos de pesquisa envolvendo seres humanos, inclusive os multicêntricos, cabendo-lhes a responsabilidade primária pelas decisões sobre a ética da pesquisa a ser desenvolvida na instituição, de modo a garantir e resguardar a integridade e os direitos dos voluntários participantes nas pesquisas. Para tanto, deverão emitir parecer consubstanciado por escrito sobre a pesquisa, manter a guarda confidencial de todos os dados obtidos na execução de sua tarefa e arquivamento do protocolo completo,

acompanhar o desenvolvimento dos projetos, desempenhar papel consultivo e educativo fomentando a reflexão em torno da ética da ciência, receber denúncias de abusos ou notificação sobre fatos adversos que possam alterar o curso normal do estudo e requerer a instauração de sindicância junto à direção da instituição responsável, além de comunicar à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa o ocorrido.

Mas não é apenas pela criação dos Comitês de Ética que a Resolução 196 vem sendo considerada por toda a comunidade científica do país um dos mais importantes passos dados na direção da defesa dos direitos de usuários. Ela define entre ou-

tros direitos que toda e qualquer pesquisa envolvendo sujeitos humanos só pode ser realizada com seu prévio consentimento. Além disso, dispõe também sobre riscos e danos implicados na pesquisa, bem como define procedimentos quanto à indenização, ressarcimento, trato no caso de vulnerabilidade ou incapacidade do sujeito envolvido no estudo. Outro ponto que está sendo considerado um avanço por pesquisadores é que as normas traçadas não são restritas aos indivíduos, mas estendem-se também às comunidades e prevêm, inclusive, que tenham um representante no Comitê de Ética.

“Consideramos a publicação destas normas um grande avanço em direção às conquistas de direitos de usuários e estamos orientando os psicólogos que trabalham com pesquisa a seguirem-nas como subsídios, embora elas não toquem diretamente na questão da pesquisa psicológica”, informou a conselheira do CRP-06 Cássia Regina Rodrigues. Segundo Saad, a resolução traz orientações genéricas, que servem de base para os profissionais de quaisquer áreas que trabalhem com sujeitos humanos. “Mas já iniciamos a segunda etapa do trabalho, ou seja, a discussão de sete áreas específicas de pesquisa que envolvem sujeitos humanos, como a reprodução humana, genética humana, novos fármacos e medicamentos, biossegurança, populações indígenas e outras populações vulneráveis e pesquisas conduzidas do exterior ou com cooperação estrangeira”, informou o médico.

LUTA ANTIMANICOMIAL

Encontro Estadual acontece em outubro

O III Encontro Estadual da Luta Antimanicomial de São Paulo será realizado de 17 a 19 de outubro, em Bauru (SP). Serão discutidas questões relativas a trabalho, legislação, atenção, cultura e capacitação em Saúde Mental. O evento tem por finalidade preparar a participação do Estado no Encontro Nacional que acontece nos dias 5, 6 e 7 de novembro, em Porto Alegre (RS).

Este ano a Luta Antimanicomial está comemorando dez anos de atividades e, segundo informações da conselheira do CRP-06 Nilma Renildes, houve um grande aquecimento das discussões em todo o Brasil, que pôde ser percebido nos eventos realizados em 18 de maio, Dia Nacional da Luta Antimanicomial. “Agora, com a realização dos encontros deste ano, pretendemos aprofundar as dis-

cussões sobre as estratégias de enfrentamento ao modelo hospitalocêntrico”, informou. A próxima plenária estadual acontece no dia 8 de agosto, na sede do CRP (rua Borges Lagoa, 74 - Vila Mariana), a partir das 10h.

A conselheira informou também que os temas a serem debatidos nos encontros estaduais e nacional foram reafirmados na última plenária nacional, realizada em 27 e 28 de ju-

nho, em Niterói (RJ), quando foram dados informes sobre o andamento do movimento em todos os Estados e discutida a estrutura do Encontro Nacional. “Como São Paulo, todos os Estados do país vão realizar seus encontros estaduais, para chegar ao Encontro Nacional de novembro com propostas concretas de ação para a continuidade do movimento”, finalizou Nilma.

RECADASTRAMENTO

Mercado de trabalho ainda trata mulheres pior que homens

O Recadastramento realizado pelo CRP e Fundação Seade permitiu verificar que, apesar de as mulheres psicólogas continuarem ganhando menos que os homens (Jornal do CRP, edição 96), em termos de inserção no mercado de trabalho a situação entre os sexos é praticamente equilibrada, com um ligeiro predomínio da atuação masculina. Embora em termos absolutos existam aproximadamente nove mulheres atuando para cada homem, em termos percentuais os homens têm maior participação no mercado de trabalho; do total de 2.978 homens que responderam ao Recadastramento, 72,53% disseram que atuam na área da psicologia, e das 24.580 mulheres, 69,86% exercem a profissão, conforme mostra a tabela 1.

rentes ao sexo dos profissionais foram entre os que não atuam com psicologia", informou o conselheiro do CRP-06 José Roberto Tozoni Reis. As maiores diferenças referem-se aos motivos pelos quais os profissionais estão fora do mercado de trabalho "psi". Um número bastante representativo do total de 8.145 profissionais que não atuam com psicologia (aproximadamente 50%), tanto de homens quanto de mulheres, respondeu que não atua como psicólogo porque trabalha em outra área. "Mas, mesmo assim, podemos verificar que, dentre esses o número de homens que não atuam em psicologia por esse motivo é proporcionalmente maior do que o de mulheres (65,02% dos homens e 49,67% r

fato de que é muito comum a pessoa, ao entrar para a faculdade, já estar vinculada a algum tipo de emprego, e nem sempre lhe é possível mudar de área após a formatura. "Mas também acredito que o predomínio do sexo masculino entre os profissionais que trabalham em outras áreas ocorre porque ainda cabe a muitos homens o papel de provedor da família, o que diminui suas possibilidades de mudar de área de atuação após o término do curso de psicologia", completou.

Ainda no que diz respeito aos motivos pelos quais os profissionais não atuam, as mulheres atingiram percentual maior, tanto na pergunta que se referia a motivos pessoais quanto na que indagava se a causa da não atu-

feminino abandona mais a profissão por motivos pessoais. Segundo Tozoni, a causa mais provável para tal realidade é que, "apesar de todas as mudanças que vimos observando na estrutura familiar, ainda cabe às mulheres as obrigações domésticas, o que as torna mais vulneráveis no que diz respeito aos motivos pessoais". Quanto ao índice de profissionais que não trabalham na profissão porque estão desempregados, Tozoni disse que o dado não traz novidades. "Apenas confirma a tese de que desde a década de 80 vem aumentando o número de novos profissionais que se formam, em ritmo bem maior do que a ampliação de vagas no mercado. Tudo isso agravado

Condição de Atuação X Sexo Psicólogos, por condição de atuação na área da psicologia, segundo sexo Estado de São Paulo - 1997 (1)

Sexo	Condição de Atuação na Área da Psicologia						TOTAL	
	Sim		Não		Não Responderam		Número	%
	Número	%	Número	%	Número	%		
TOTAL	19.332	70,15	8.145	29,56	81	0,29	27.558	100,00
Masculino	2.160	72,53	809	27,17	9	0,30	2.978	100,00
Feminino	17.172	69,86	7.336	29,85	72	0,29	24.580	100,00

Motivos de Não Atuação X Sexo Psicólogos que não atuam na área da psicologia, por motivos, segundo sexo Estado de São Paulo - 1997 (1)

Sexo	Condição de Atuação na Área da Psicologia								TOTAL	
	Atua em Outra Área		Motivos Pessoais		Desemprego		Outros Motivos		Número	%
	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%		
TOTAL	4.170	51,20	1.138	13,97	1.665	20,44	1.172	14,39	8.145	100,00
Masculino	526	65,02	39	4,82	131	16,19	113	13,97	809	100,00
Feminino	3.644	49,67	1.099	14,98	1.534	20,91	1.059	14,44	7.336	100,00

Fonte: CRP-06; Recadastramento Profissional dos Psicólogos.
(1) O Recadastramento foi realizado no período de 03/06/94 a 31/05/95.

EXERCÍCIO PROFISSIONAL

Fórum discute Práticas Alternativas

REUNIDOS EM BRASÍLIA, REPRESENTANTES DE CRs E CFP ELABORARAM NOVA PROPOSTA DE RESOLUÇÃO PARA NORMATIZAR O USO DE TÉCNICAS EMERGENTES DA PSICOLOGIA

Seguindo deliberação do II Congresso Nacional da Psicologia, os Conselhos Regionais e o Conselho Federal de Psicologia realizaram, em Brasília, no mês de julho, o Fórum Nacional de Práticas Alternativas. O encontro teve por objetivo discutir as decisões tomadas em fóruns regionais sobre a normatização do uso das chamadas práticas alternativas por profissionais da psicologia. Segundo infor-

mações de uma das representantes do CRP-06, Helena de Moura Hirye, "foi elaborado um documento que deverá agora ser apreciado pelo CFP, porque, embora tenha poder deliberativo, o Fórum não é o responsável pela elaboração do documento final".

Helena informou também que o documento resultante das discussões dos grupos presentes ao Fórum Nacional propõe que seja permitido ao

psicólogo associar seu título e exercício profissional às práticas ou técnicas psicológicas que estejam de acordo com os critérios científicos estabelecidos pela comunidade científica. "As discussões foram tranquilas, mas deixaram claro que existem posições diferenciadas quanto ao assunto", disse a conselheira do CRP.

Para ela, no entanto, pode-se considerar que os debates avançaram muito desde o seu início. "Tivemos

comprovação disso quando realizamos o Fórum em São Paulo, em 21 de junho. Conseguimos realizar uma discussão aprofundada, com palestras sobre ética e sobre o campo da psicologia em relação às práticas emergentes, sem nos limitarmos aos embates que caracterizaram o início dos debates, quando o assunto sempre girava em torno de liberar ou não o uso das técnicas alternativas", disse a conselheira do CRP.

LANÇAMENTO

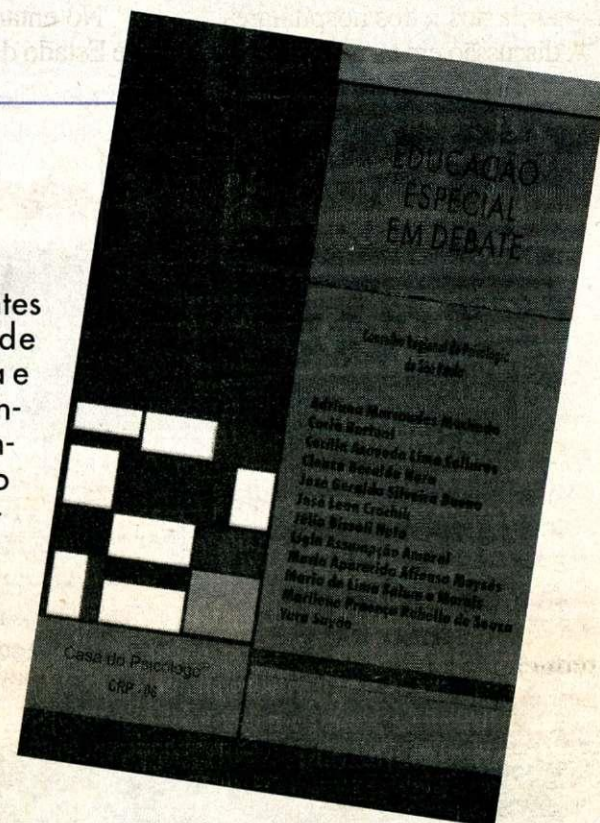
Educação Especial em Debate

Já se encontra à disposição dos psicólogos o livro "Educação Especial em debate", organizado pelo CRP-06 em co-edição com a Casa do Psicólogo. O livro apresenta os textos das palestras apresentadas no I Encontro de Educação Especial, realizado no ano passado pelo Conselho. Em suas 200 páginas são abordadas questões como o problema do preconceito e a negação das diferenças dentro do sistema edu-

cacional, a legislação vigente que regulamenta os encaminhamentos, os modelos de avaliação e as experiências bem-sucedidas que procuram solucionar o problema da exclusão. Preço R\$ 20,00 (nas compras à vista, 20% de desconto). Pode ser adquirido na Sede e nas Subsedes do Conselho.

O livro foi lançado por ocasião da realização do II Encontro de Educação Especial, em junho deste ano, em que foram

discutidos os seguintes temas: "A realidade educacional brasileira e a produção da deficiência", "As práticas bem-sucedidas de inclusão no contexto educacional", "Intervenção psicológica: novas perspectivas para a superação de antigos impasses" e "Classe especial: em busca da extinção".



Fitas de vídeo

CRP comunica a todos os psicólogos que não puderam assistir aos eventos realizados este ano que se encontram na sede e subsedes as fitas de vídeo contendo todas as palestras e os debates na íntegra. Os eventos são os seguintes: "Psicologia em debate", "Saúde Mental: a luta pela cidadania", "II Encontro de Educação Especial", "As ques-

tões sociais e do trabalho como determinantes das condições de saúde" e "Violência em debate". O CRP está fazendo o empréstimo mediante cheque-caução (que serve como penhor e é devolvido quando cumprido o compromisso assumido) no valor de R\$ 30,00, que servirão como garantia da devolução da fita e contra danos no material.

Convide

Fórum de Formação

O CRP convida todos os psicólogos a participar do Fórum Regional de Formação Profissional, que será realizado no dia 19 de setembro, a partir das 16 horas, na nova sede do Conselho, à R. Rua Arruda Alvim, 89 - São Paulo (próximo à estação Clínicas do metrô). Serão discutidos os eixos temáticos dos Congressos da Psicologia: "Critérios para avaliação de cursos de psicologia" e "Diretrizes curriculares para cursos de psicologia". No Fórum serão escolhidos os delegados que representarão São Paulo no Fórum Nacional, em Ribeirão Preto, em 21 e 22 de outubro. Informe-se na Sede e na sua Subsele sobre como participar.

SAÚDE PÚBLICA

CRP reúne-se com secretário de Saúde de Franca

O CRP-06 realizou, em julho, reunião com o secretário municipal de Saúde de Franca, Lavínio Camarim, para discutir a situação de atendimento aos pacientes do Hospital Psiquiátrico Allan Kardec. Segundo informações de Cristina Francelin, coordenadora da Subsele de Ribeirão Preto, presente ao encontro, o secretário está estudando a possibilidade de implantação de dois Núcleos de Atenção Psicossocial (Naps) no município, além da criação de um serviço de urgência na Santa Casa local e de uma retaguarda nos leitos hospitalares.

A discussão em torno do Hospital

Allan Kardec teve início em maio, quando uma denúncia (feita pela própria Comissão de Ética Médica do hospital) de que estariam ocorrendo irregularidades na instituição foi encaminhada aos Conselhos de Psicologia, Serviço Social, Medicina, Farmácia e Enfermagem. Tão logo receberam a denúncia, o CRP e o Cremesp (Conselho de Medicina) realizaram vistoria no hospital, constatando que suas condições gerais estão precárias, não havendo projeto terapêutico e preocupação com a reintegração dos pacientes à comunidade.

No entanto, a própria Secretaria de Estado da Saúde já havia realiza-

do vistoria no hospital, em abril deste ano, e, por ter constatado problemas, propôs o descredenciamento da instituição do Sistema Único de Saúde (SUS). Mas, explicou Cristina, "como Franca encontra-se na fase de gestão semiplena do SUS, é o município que deverá decidir se o hospital será desvinculado do Sistema. Por isso o CRP solicitou audiência com o secretário municipal de Saúde".

Depois que a Secretaria Estadual de Saúde propôs o descredenciamento da instituição, a direção do hospital encaminhou, em junho, documento ao secretário municipal de Saúde com a proposta de reestruturação de

suas atividades, mantendo apenas 60 leitos para pacientes agudos e transformando 235 leitos de pacientes crônicos em lar abrigado. No mesmo documento a direção do hospital diz que somente poderá levar a efeito esse trabalho de adequação se a Secretaria Municipal de Saúde de Franca, num período de transição de dez meses, continuar fazendo o pagamento da verba do SUS. A proposta de implantação de Naps e dos serviços de urgência seria para suprir a redução dos leitos, já que atualmente o hospital conta com 400 internos. Até o fechamento desta edição não havia uma conclusão final para o caso.

Epidemia de sarampo Atenção Psicólogo!

No Brasil o sarampo era uma das principais causas de óbito em crianças menores de cinco anos, com epidemias frequentes; coma a adoção de medidas de controle da doença, no estado de São Paulo, a partir de 1987 conseguiu-se a redução de 98% na incidência e 100% no número de óbitos, mas, em 1996 observou-se o aumento do número de pessoas contaminadas, principalmente na região metropolitana de São Paulo, sendo que em 1997 o Sistema de Vigilância Epidemiológica já registrou 1193 casos confirmados (dados do Informe Técnico C.V.E.).

As causas de epidemia são variadas, e destacamos que em setembro e outubro de 1996 houve falta de vacina

em São Paulo. Considerando esta nova epidemia de sarampo mais um exemplo de descaso do governo com a Saúde Pública, o desrespeito a população e que frente a atual situação tem que adotar medidas para tentar controlar uma epidemia que com ações preventivas poderia ter sido evitada.

A orientação da Secretária de Saúde do Estado e de realizar a vacinação de todos os profissionais de saúde, priorizando-se inicialmente as regionais da grande São Paulo e interior que apresentam casos confirmados. Os profissionais devem pressionar seus empregadores para que a instituição onde trabalham garanta a vacinação.

As crianças menores de 5 anos serão vacinadas em agosto.

HOMENAGEM

Paulo Freire

Morreu, no dia 2 de maio, o educador Paulo Freire, aos 75 anos, vítima de enfarte. O método Paulo Freire ficou conhecido entre os educadores desde o lançamento de seu livro "Pedagogia do Oprimido", em 1970. Aplicado pela primeira vez na década de 60, seu método conseguiu alfabetizar 300 trabalhadores rurais em 45 dias. Sua metodologia consiste basicamente em ensinar os alunos a ler e a escrever a partir de palavras extraídas de sua própria realidade.

Freire, por conta dessa metodologia, foi alçado à condição de diretor do Plano Nacional de Educação no governo João

Goulart. O Plano, no entanto, foi desmontado com o golpe militar de 1964 e o educador mandado para o exílio. Lecionou em Universidades como Harvard, nos Estados Unidos, e Genebra, na Suíça. Após 15 anos fora do Brasil, foi beneficiado pela anistia de 1979, época em que voltou ao país e trabalhou na formação do PT. Foi também secretário municipal de Educação na gestão Erundina.

Seus livros foram traduzidos para 20 idiomas e Freire continua sendo uma das referências importantes para a educação brasileira. A ele, a homenagem do CRP.

Antônio Merisse

Faleceu num acidente de trânsito no perímetro urbano da cidade de Palmas, capital do Estado de Tocantins, o professor Antônio Merisse, do Departamento de Psicologia Evolutiva Social e Escolar da Unesp, campus de Assis. O professor Merisse tinha 44 anos. Formou-se em psicologia em Mogi das Cruzes, fez mestrado em psicologia social na PUC de São Paulo e doutorado em psicologia escolar no Instituto de Psicologia da USP. Seu trabalho era voltado principalmente para a psicologia comunitária e psicologia institucional. Lecionava na Unesp de Assis desde 1983, tendo sido o fundador do Centro de Convivência Infantil. Era supervisor do Centro de Psicologia Aplicada. Foi presidente da Associação de Docentes da Unesp.

Também desempenhou vários

trabalhos na comunidade assisense. Foi um dos fundadores do Conselho Municipal da Criança e do Adolescente e do Conselho Tutelar. Ele também dedicava-se a trabalhos na Casa Abrigo, que acolhe crianças e mães em situações de risco social, além de ser o diretor do Lar dos Velhos. Recentemente, com colegas da Unesp, publicou o livro "Lugares da Infância: reflexões sobre a história da criança na fábrica, creche e orfanato", pela editora Arte & Ciência.

Compreende-se, então, o porquê da emocionante salva de palmas que saudou o momento de seu sepultamento, cercado de amigos vindos dos mais distantes lugares; eles aplaudiram a vida exemplar de uma pessoa que soube como poucos transformar em fator de expressivo significado social sua generosa opção pelo solidarismo humanista.

ORIENTAÇÃO

Crítérios de qualidade e ética

PSICÓLOGOS QUESTIONAM QUALIDADE DE ALGUNS CURSOS DE FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE. CRP ORIENTA PROFISSIONAL A FUGIR DE ARAPUCAS

O Centro de Orientação do CRP tem recebido inúmeras cartas de psicólogos solicitando providências quanto a alguns cursos de formação na área da psicologia que estão sendo oferecidos em São Paulo. A preocupação dos profissionais gira em torno da legalidade e dos princípios éticos de tais cursos, assim como de sua qualidade, já que são escolas que pretendem dar formação psicoterapêutica em condições notoriamente inadequadas. Um bom exemplo são alguns cursos que oferecem a possibilidade de atuação como psicanalistas com apenas uma aula por semana. Além disso, destinam-se a pessoas sem nenhuma formação superior e em seus prospectos de divulgação não trazem nenhuma informação sobre os professores e sobre o responsável pelo programa.

Segundo informações do conselheiro José Roberto Tozoni Reis, o CRP compartilha as preocupações dos psicólogos e tem realizado dis-

cussões sobre o assunto. Tozoni explicou que a posição do Conselho é clara em relação à questão: tais cursos não oferecem a necessária qualificação e cabe ao CRP, juntamente com os profissionais, divulgar os

aferição de sua qualidade, a exemplo dos cursos de psicanálise que contam com reconhecimento público. A não regulamentação da profissão de psicanalista não significa que não haja critérios de legitima-

validade dos cursos sobre os quais os psicólogos têm levantado suspeitas. Trata-se de iniciativas que divulgam boletins de informação apócrifos, que se limitam a fazer a publicidade do curso, como se fosse um produto qualquer, sem informações que garantam a qualidade."

De acordo com Tozoni, há agravantes pelo fato de tais cursos não estarem submetidos a nenhuma instância legal a que o usuário possa recorrer no caso de se sentir prejudicado. "Acreditamos que os psicólogos não sejam o público mais vulneravelmente procuram se informar antes de buscar vínculos com sociedades, escolas ou grupos de formação. Por isso, temos orientado os profissionais no sentido de informar a população sobre os danos que esses cursos podem causar. E nos colocado à disposição de qualquer cidadão para esclarecimentos quanto aos critérios universais de reconhecimento e legitimação dos cursos de psicanálise", finalizou.

"O cidadão comum é o público mais vulnerável a esse tipo de engodo"

valores, alertando a população quanto aos riscos de se submeter a "profissionais" formados por tais escolas.

"Apesar disso, não encontramos respaldo legal para nenhuma iniciativa prática por parte do Conselho, uma vez que a profissão de psicanalista não é regulamentada, sendo livre o seu exercício", explicou o psicólogo. Ainda assim, há formas de

essa habilitação é conferida pela credibilidade institucional que alcança cada escola segundo os critérios aceitos pela comunidade de profissionais. Entre eles a necessidade de que os candidatos a analistas passem por formação que inclui análise pessoal, supervisões e seminários. "O tempo de dedicação é um critério e já por aí pode-se questionar a

JORNAL DO
CRP
CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA
6ª REGIÃO

Rua Borges Lagoa, 74
Fone: (011) 574-7133
Fax: (011) 575-0857
CEP: 04038-004 - São Paulo - SP



IMPRESSO